

Secretaria  
de Educação e  
Esportes



GOVERNO DE  
**PER  
NAM  
BU**CO  
ESTADO DE MUDANÇA

## Unidade Curricular

# A Arte do Argumentar

Material de apoio à ação docente

**PERNAMBUCO**

Secretaria  
de Educação e  
Esporte



GOVERNO DE  
**PER  
NAM  
BU**  
CO  
ESTADO DE MUDANÇA

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

**Secretário de Educação e Esportes**

Ivaneide Dantas

**Secretário Executivo Planejamento e Coordenação**

Mônica Maria Andrade

**Secretária Executiva de Desenvolvimento da Educação**

Tárcia Regina da Silva

**Secretária Executiva de Educação do Ensino Médio e Profissional**

Ana Cristina Dias

**Secretário Executivo de Administração e Finanças**

Gilson Monteiro Filho

**Secretário Executivo de Gestão da Rede**

Igor Fontes Cadena

**Secretário Executivo de Esportes**

Luciano Leonídio

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

## Equipe de elaboração

*Ana Karine Pereira de Holanda Bastos*

## Equipe de coordenação

**Gerente Geral de Políticas Educacionais do Ensino Médio (GEPEM/SEDE)**

*Janine Fortunato Queiroga Maciel*

**Gestor Pedagógico (GEPEM/SEDE)**

*Rômulo Guedes e Silva*

**Chefe da Unidade do Ensino Médio (GEPEM/SEDE)**

*Andreza Shirlene Figueiredo de Souza*

## Revisão

*Andreza Shirlene Figueiredo de Souza*

*Mônica de Sá Soares*

## Sumário

<b>1. Apresentação</b>	<b>5</b>
<b>2. Retórica versus Argumentação</b>	<b>8</b>
Orientações para a realização de atividades	13
Orientações para a avaliação	14
<b>3. Gêneros da esfera argumentativa: leitura e escrita</b>	<b>15</b>
Orientações para a realização de atividades	22
Orientações para a avaliação	23
<b>4. A arte do Argumentar na sala de aula</b>	<b>24</b>
Orientações para a realização de atividades	26
Orientações para a avaliação	27
<b>5. Referências bibliográficas</b>	<b>28</b>

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

## I. Apresentação

Prezado Professor(a),

Esta Unidade Curricular, *A Arte do Argumentar* - desenvolvida à luz da Teoria da Argumentação, direcionada aos estudantes do 3º Ano do Ensino Médio e, ao perfil docente de Língua Portuguesa, com carga horária de 40 horas - está fundamentada na Portaria nº 1.432/2018, que orienta a elaboração dos Itinerários Formativos, sob a tutela do Novo Ensino Médio da Rede Pública Estadual de Pernambuco e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2018.

A Unidade Curricular *A Arte do Argumentar* - presente nas trilhas pedagógicas *Identidades e Expressividades; Línguas e Culturas de Mundo; Diversidade Cultural e Territórios* - propõe que os jovens sejam, cada vez mais, protagonistas de seus próprios aprendizados e aprendizagens. Além disso, estando envolvidos com atividades voltadas ao bem-comum, podem diminuir sua inserção na violência e na criminalidade.

As habilidades a serem desenvolvidas, a partir da ementa, estão diretamente relacionadas aos eixos estruturantes: *Mediação e Intervenção Sociocultural* (EMIFLGG07) com o intuito de que o discente possa:

identificar, analisar e explicar questões sociodiscursivas e socioculturais passíveis de mediação e intervenção ampliando a capacidade argumentativa por meio de práticas de linguagem orais e escritas, a fim de embasar criticamente pensamentos e ideias na construção de textos;

E *Empreendedorismo* (EMIFLGG10):

avaliar como os processos sociodiscursivos estruturadores dos gêneros argumentativos e os recursos relacionados às várias linguagens podem ser utilizados na concretização de projetos pessoais ou produtivos, considerando as diversas modalidades e tecnologias disponíveis.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Esses direcionamentos nos levam a promover, na comunidade escolar, a reflexão crítica dos estudantes, a criatividade, o senso de justiça, além de empreender no enfrentamento dos desafios diários, mobilizando saberes construídos ao longo de sua trajetória, usando, ou não, as ferramentas tecnológicas que possibilitam o desenvolvimento e a praticidade na vida e no mundo.

Nesse contexto, os eixos *Mediação e intervenção sociocultural (EMIFLGG07)* e *Empreendedorismo (EMIFLGG10)* buscam aproximar as mudanças ocorridas nos vários âmbitos da sociedade e na realidade vivenciada pelos estudantes no âmbito escolar. Dessa forma, faz-se necessário incorporar as novas tecnologias na escola por meio do projeto político pedagógico, projetos educacionais, ações pedagógicas e enfoque nos procedimentos metodológicos de aplicação de abordagem de conteúdos, dentre outros.

Os argumentos são essenciais aos indivíduos para que eles possam apresentar e defender seus pontos de vista. A ementa direciona o trabalho docente com:

análise dos mecanismos linguísticos próprios da argumentação: a defesa de ideias e a persuasão. Identificação e estudo de elementos estruturadores dos gêneros argumentativos: operadores argumentativos, estratégias e tipologias argumentativas, coesão, coerência, escolha vocabular, encadeamento lógico e elementos do contexto situacional. Produção de gêneros argumentativos orais e escritos em meio digital ou não, que proponham intervenções socioculturais e ambientais.

A partir dessas orientações, o docente deve direcionar o trabalho, em sala de aula, não puramente aos aspectos linguísticos das conjunções, preposições etc., mas sobretudo, aos mecanismos de defesa argumental sócio-histórico-ideológica, como afirma Breton (1999). A única maneira de se minar a manipulação é promover, dentro e fora da escola, um ensino voltado à capacidade de defender ideias e opiniões, verificando a veracidade e a legitimidade dos argumentos de outrem, para assim, enfraquecer qualquer espécie de tendência ao autoritarismo e à violência. Logo, a argumentação é uma técnica retórico-discursiva que remonta a tempos antigos e os sentidos de retórica e de argumentação relacionam-se, ressignificam-se e

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

complementam-se, afetados pelas condições histórico-ideológicas do período e das circunstâncias em que são enunciados.

A Unidade Curricular **A Arte do Argumentar** está em consonância com os pressupostos da *enunciação*<sup>1</sup>, da *semântica*<sup>2</sup>, da *pragmática*<sup>3</sup> e da *filosofia da linguagem*. Todas essas áreas têm interseções com as técnicas de argumentar e com a arte da retórica.

Por fim, esta Unidade Curricular nos leva a refletir sobre aspectos importantes que vão além dos aspectos linguísticos estruturadores do texto, mas sobretudo sobre outros mecanismos discursivos que envolvem o contexto lógico-situacional, a compreensão textual e que favorecem o surgimento dos gêneros argumentativos orais ou escritos.

---

<sup>1</sup> Para Benveniste (2006), a *enunciação* coloca em funcionamento a língua por um ato individual de utilização, que, em primeiro lugar, introduz o locutor, isto é, o “eu”, como parâmetro nas condições necessárias da enunciação.

<sup>2</sup> A *semântica*, de forma geral, estuda o significado. Michel Bréal é considerado o pai da semântica, tendo a nomeado, na França, no final do século XIX, rompendo sua autonomia das especulações filosóficas e psicológicas, se detendo a estudar os fenômenos científicos no âmbito apenas da linguística.

<sup>3</sup> A *pragmática* é a área da linguística que estuda a língua em uso, considerando o ponto de vista do falante e o momento em que ocorre a comunicação. Para Austin (1962), a pragmática observa os diferentes contextos e aspectos reais de usos da língua,, entre os quais: implicaturas, pressuposições, dêixis, interação e organização da conversação, cortesia (ou polidez) linguística e atos de fala.

## 2. Retórica versus Argumentação

Em sentido lato, ser retórico é usar a linguagem de maneira a ser capaz de impressionar e influenciar os ouvintes para agirem de determinada forma. Antes mesmo do surgimento da democracia na Grécia, local onde a retórica terá seus contornos delineados por diversos autores, vemos surgir o embrião dessa arte por meio dos poemas de Homero.

Com isso, faz-se necessária uma breve explanação histórica sobre a relação da argumentação com a retórica, visto que ambas as técnicas discursivas estão intimamente relacionadas e documentadas desde o século V a.C..

A **argumentação** é uma técnica discursiva diretamente relacionada à retórica, que remonta há tempos, numa época em que não havia a profissão de “advogado”. Esse fato gerou a necessidade de instrumentalizar a quem de direito na defesa de suas causas.

A **retórica** é considerada, desde a Antiguidade até nossos dias, **a arte da palavra por excelência**. O termo nasceu na Grécia Antiga e está associado ao âmbito da propriedade de terras<sup>4</sup>. À época, o direito à propriedade estava obscurecido e os processos mobilizavam grandes júris populares, diante dos quais, para convencer o público, era preciso ser eloquente, participando, ao mesmo tempo, da democracia e da demagogia, do judicial e do político (chamado depois **deliberativo**), e constituiu-se rapidamente em objeto de ensino.

Os primeiros professores dessa nova disciplina foram Empédocles de Agrigento, seu aluno Córax, de Siracusa (o primeiro a cobrar pelas aulas<sup>5</sup>), e Tísias. Esse ensino passou com

---

<sup>4</sup> Roland Barthes, em **La antiga retórica**, aborda a história da antiga à nova retórica, e narra que no século V a. C., a Sicília era governada por dois tiranos, Géron e Hiéron, que confiscaram as terras dos seus legítimos proprietários e as distribuíram aos seus soldados. Em 467 (a. C.) os proprietários espoliados se rebelaram contra àquela situação; os verdadeiros donos dos lotes reclamaram a reposição da legalidade, “pelo que foram então instaurados e infundáveis processos”. Teria sido nessas circunstâncias, para falar diante do tribunal, que Córax (aluno de Empédocles) e Tísias compuseram o primeiro tratado de argumentação. Assim, a retórica estaria ligada ao processo de propriedade (BARTHES, 1982, 9).

<sup>5</sup> Na Grécia antiga, havia professores itinerantes de eloquência e filosofia, muito bem remunerados, denominados de **sofistas**, que podem ser considerados os primeiros pedagogos da história; sua principal função era preparar os jovens para o exercício da vida política, e a terem um desempenho satisfatório nas assembleias de cidadãos. Os sofistas utilizavam a relatividade das verdades, o que contrariava os pensamentos socrático e platônico que considerava a unicidade da verdade. Tal relativização consistia em deixar o interlocutor perplexo, sem réplica, tendo por maior objetivo vencer, valendo-se por vezes de uma falsa aparência lógica.



SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

rapidez para Ática (depois das guerras Médicas) graças às contestações dos comerciantes, que moviam processos conjuntamente em Siracusa e em Atenas: a retórica, desde meados do século V, já era ateniense (BARTHES, 1982, p. 9).

De acordo com Barthes (1982), a linguagem, enquanto projeto de uma transformação, conduta de uma prática, se determinou, não a partir de uma sutil mediação ideológica, mas por meio da sociabilidade mais transparente, afirmada na sua brutalidade fundamental para defender o seu quinhão, referindo-se, assim, ao processo de propriedade, ligada à terra, já referida anteriormente.

Para Meyer (2007) a retórica se inscreve, então, nesse vazio entre o literal e o metafórico, entre a presença imediata e aquilo que existe atrás daí, sem dúvida, a predileção dos espíritos religiosos pela retórica, mas também dos criadores de literatura, que jogam com a linguagem figurada, tanto na poesia quanto no romance. As grandes definições da retórica podem ser classificadas em três grandes categorias:

- (1) a retórica é uma manipulação do auditório (Platão<sup>6</sup>);
- (2) a retórica é a arte de bem falar (*ars bene dicendi*, de Quintiliano<sup>7</sup>);
- (3) a retórica é a exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir (Aristóteles<sup>8</sup>)

---

<sup>6</sup> Platão acredita que a retórica é um engodo e só se presta a ludibriar o ouvinte; ele não aceita que a retórica seja considerada uma arte, pois despreza o verdadeiro. Platão marginalizou a retórica, entre outras razões, em decorrência da ação dos sofistas na educação dos jovens na sociedade grega.

<sup>7</sup> Quintiliano (35-95) foi um retor, oficial, pago pelo Estado romano que desfrutou de enorme fama em vida; sofreu eclipse ao morrer, mas brilhou de novo a partir do século IV. Para Barthes (1982, p. 19) “pouco fazedor de frases, não moralizantes demais; era um espírito ao mesmo tempo classificador e sensível”. Além da atividade de professor de retórica de várias personalidades, como a de Plínio, o Jovem, exerceu a atividade de advogado. A obra mais famosa de Quintiliano é *De institutione oratoria* (Institutos de Oratória) a qual o autor traça, em doze livros, um plano completo de formação pedagógica de educação de um orador desde a infância. Os livros são divididos de acordo com a utilidade: os primeiros livros tratam da educação fundamental, como se organizava a vida na Roma no seu tempo. Recomendava-se que não houvesse falha nas falas das amas, dos escravos e dos pedagogos; que os pais fossem tão instruídos quanto possível, e que se devia aprender a ler e escrever o grego. Quintiliano era contrário aos castigos físicos; recomendava a emulação como incentivo aos estudos; ler em voz alta; sugeriu que o tempo de estudo fosse interrompido por descansos que eram propícios à aprendizagem.

<sup>8</sup> De acordo com Reboul (2004), Aristóteles deu um novo sentido à retórica, colocando-a num lugar de destaque e concebendo-a como a arte de defender-se argumentando em situações nas quais a demonstração não é possível, o que a obriga a passar por “noções comuns”, que não são opiniões vulgares, mas aquilo que cada um pode encontrar por seu bom senso, em domínios nos quais nada seria menos científico.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Da primeira definição decorrem todas as concepções de retórica centradas na emoção, no papel do interlocutor, em suas reações, o que atualmente implica a propaganda e a publicidade<sup>9</sup>. Da segunda definição, tudo o que está relacionado ao orador, à expressão, de si mesmo, à intenção e ao querer dizer. Quanto à terceira definição, ela diz respeito àquilo que referimos anteriormente sobre as relações entre o explícito e o implícito, o literal e o figurado, as inferências e o literário. E foi a mescla de tudo isso que fez da retórica uma disciplina de contornos mal definidos, que, por tratar de muitas questões, parece ela mesma confusa e sem objeto próprio.

Já para Reboul (2004), a Retórica se presta a quatro funções: a **persuasiva**, a **hermenêutica**, a **heurística** e a **pedagógica**. O propósito da primeira função da retórica - a **persuasiva** – é a mais clara e a mais antiga. Os meios para se alcançar a persuasão podem ser de nível racional ou afetivo, pois “em retórica razão e sentimentos são inseparáveis” (*Ibid.* p. XVII), como sublinha Reboul. Os argumentos são os meios que dizem respeito à razão, sendo de duas espécies: aqueles que se inserem no “raciocínio silogístico” (entimemas<sup>10</sup>) e aqueles que se baseiam no “exemplo”. Não obstante, os meios que dizem respeito à afetividade são denominados de **êthos** (persuade-se pelo caráter, por quem é o orador, se este é digno de fé) e de **páthos** (persuade-se pela emoção, pelos sentimentos causados de tristeza ou alegria, amor ou ódio). A outra função da retórica é a **hermenêutica**, pois a retórica é vista como a “arte de interpretar textos”. O orador, para ser persuasivo, deve antes entender a retórica dos seus opositores e conhecer os seus pontos fracos. Quando se utiliza a retórica para saber, para se encontrar algo, então, denomina-se função **heurística**, que é a terceira função da retórica, uma vez que é uma função de “descoberta”. E, por fim, ensinar a compor de acordo com um plano,

---

<sup>9</sup> A publicidade e propaganda são instâncias discursivas que carregam em seu cerne a retórica persuasiva. Autores como Olivier Reboul (2004), Patrick Charaudeau (1983, 2004), Nelly Carvalho (2003) dentre outros, se debruçaram sobre a retórica persuasiva, muitas vezes agregadas ao discurso publicitário. A persuasão, com base em Reboul (2004), é a capacidade de fazer o outro crer em algo ou em alguma coisa, além disso, o autor acrescenta que a retórica é a arte de persuadir pelo discurso, este compreendido como toda produção verbal, escrita ou oral, constituído por uma frase ou por uma sequência de frases, que tenha começo e fim e que apresente certa unidade de sentido. Reboul distingue discursos retóricos dos não retóricos. Os retóricos seriam aqueles cujo objetivo é a persuasão.

<sup>10</sup> Forma de silogismo ou argumentação em que uma das premissas ou um dos argumentos fica subentendido.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

fazer a ligação, coerentemente, dos argumentos, cuidar do estilo, empregar as construções adequadas, a falar de modo distinto etc., seria a competência da quarta função da retórica, a **função pedagógica**. A retórica não atende apenas às demandas sociais de cunho jurídico, já que serve à literatura, à filosofia e, sobretudo, ao ensino (REBOUL, 2004). Portanto, a retórica como a “arte de persuadir” utiliza da linguagem a totalidade de componentes como método para construir o discurso artisticamente e, assim, convencer o outro do que se deseja.

Com base em Reboul (2004), a retórica teve grande prestígio não apenas no período grego, mas também durante o Império Romano. O direito era essencial para a unificação de Roma; logo, a retórica era de grande valia, amplamente utilizada e considerada essencial na educação romana, utilizada por Cícero, Quintiliano, Agostinho etc., e ao longo da Idade Média.

## A Retórica Aristotélica<sup>11</sup>

A retórica aristotélica está intimamente ligada à lógica, assim o Estagirita a definiu como a “arte de extrair de qualquer assunto o grau de persuasão que ele comporta”, como “a faculdade de descobrir especulativamente aquilo que em cada caso pode ser próprio e persuadir” (BARTHES, 1982, p. 15).

Aristóteles percebeu que a *pólis* não era composta apenas por tribunais, mas que havia também assuntos a serem tratados pela via do discurso nas assembleias, e que entre as próprias pessoas, em suas vidas privadas, havia diálogos e debates em que se faziam juízos e a retórica era utilizada. Daí os três domínios da retórica aristotélica: o **judiciário**, o **demonstrativo** e o **deliberativo**. Para Nascimento, o orador aristotélico, para atingir a finalidade do discurso retórico, deve possuir conhecimentos sobre todos os assuntos pertencentes a cada um desses domínios e deve demonstrar sua veracidade. Para isso, deve possuir provas e meios de usá-las.

---

<sup>11</sup> **Aristóteles** (Estagirita 384 a.C. - Atenas 322 a.C.) foi um filósofo e polímata da Grécia Antiga. Ao lado de Platão, de quem foi discípulo na Academia; um dos pensadores mais influentes da história da civilização ocidental; Aristóteles abordou quase todos os campos do conhecimento de sua época: biologia, física, metafísica, lógica, poética, política, retórica, ética e economia. A filosofia, definida por ele como o “amor à sabedoria”, passou a ser compreendida, em sentido mais amplo, como a ciência das ciências.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Aristóteles, diferentemente de seus predecessores, percebeu o caráter lógico inerente à estrutura do discurso e dispôs as paixões e o caráter moral do orador como parte dos elementos usados pelo orador na aquisição de provas (NASCIMENTO, 2012).

A retórica é uma modalidade discursiva aplicável às mais variadas disciplinas e, na concepção de Aristóteles, a retórica serve de argumentações explícitas e, por isso, representa uma verdadeira forma de racionalidade.

## A Nova Retórica

Na década de 1960, Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca<sup>12</sup> iniciaram importantes estudos sobre a retórica, a racionalidade e a lógica dos juízos de valor, já que, para os autores, os valores não seriam suscetíveis a uma análise lógica racional. Nessa trajetória, os autores perceberam que a racionalidade já havia sido tratada pela retórica clássica grega, mais especificamente por Aristóteles. Assim, no momento da exposição dos argumentos, aquele indivíduo que tiver mais força persuasiva conduzirá o auditório para uma “verdade” ou para um acordo provisório, visto que esse mesmo auditório poderá aceitar de maneira diferente, dependendo dos argumentos apresentados. Ao considerar a retórica um importante instrumento persuasivo, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) optaram por ressignificar a abordagem aristotélica, denominando-a de **Nova Retórica**.

Dessa forma, o diálogo de Perelman e Olbrechts-Tyteca com Aristóteles produz efeitos inclusive na própria noção do que é um discurso persuasivo ou convincente, retomada e ressignificada a partir da concepção aristotélica “como sendo aquele [discurso] que consegue fazer o público sentir-se identificado com o seu produtor e a sua proposta” (MOSCA, 2004, p. 21). Em sua gênese, a obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca não toma como ponto de partida os problemas linguísticos ou literários, mas os filosóficos relacionados à fundamentação dos

---

<sup>12</sup> Chaïm Perelman (1912 - 1984) foi filósofo do Direito, um dos mais importantes teóricos da Retórica no século XX. Sua principal obra é o *Traité de l'argumentation - la nouvelle rhétorique* (**Tratado da Argumentação**, 1958), escrito com Lucie Olbrechts-Tyteca, no Brasil, a obra foi traduzida pela Editora Martins Fontes em 1996.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

juízos de valor. Os autores buscaram uma lógica de valor, paralelo ao da ciência; assim, suas reflexões conduziram à antiga retórica que forneceu respostas aos questionamentos à grande descoberta do tratado da argumentação, encontrando aval na retórica aristotélica. A obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) revitalizou a argumentação, a teoria do discurso persuasivo e o campo de estudos da linguagem.

## Orientações para a realização de atividades

Para incentivar os estudantes, o professor pode inicialmente apresentar ou mesmo sugerir leituras de gêneros argumentativos diversos como resenhas críticas, sermões, editoriais, artigos de opinião, dentre outros. Com base nessas leituras, é fundamental que os discentes elenquem recursos retóricos percebidos após a análise tais como justificativas, alegações e/ou recursos da língua que possibilitem reconhecer palavras, modo de dizer, os tipos de argumentos e os respectivos efeitos de sentido cada um deles com o propósito de persuadir o leitor acerca de determinado ponto de vista.

Como um breve exercício, sugerimos a análise do gênero charge<sup>13</sup>, com base no exemplo do chargista Duke. Oralmente, o docente deverá destacar as questões sociais em que as personagens estão inseridas; como chegaram à conclusão da resposta dada (apontar os aspectos não verbais comprobatórios); que aspectos podem ser elencados como paradoxais?

A charge como gênero textual/discursivo faz uma crítica a um acontecimento social e/ou político-social que, muitas vezes, pode ser considerado uma piada, mas tem caráter altamente contestador que interliga a imagem e a palavra. Apresentar aos estudantes a charge como texto/gênero da arte do argumentar, é importante para ajudá-los nos processo de leitura

---

<sup>13</sup> No processo de ensino e de aprendizagem da argumentação, em diferentes gêneros, é necessário a compreensão do fenômeno em cada texto/gênero, a partir de nossas intenções e objetivos interacionais, para com o nosso interlocutor. Citamos alguns exemplos de gêneros com predominância da argumentação escrita: a **dissertação**, o **artigo de opinião**, a **crônica argumentativa**, o **editorial**, a **resenha crítica**, a **carta de solicitação/de reclamação**, a **carta de leitor**.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

e escrita, pois o gênero circula em jornais, revistas, internet e alcança vários públicos de diferentes idades.



## Orientações para a avaliação

É importante observar se os estudantes se sentem motivados a participar da atividade; conseguem identificar, analisar e explicar questões sociodiscursivas e socioculturais presentes no texto; ampliam a capacidade argumentativa, embasando, criticamente, pensamentos e ideais na construção de textos; demonstram habilidades que valorizam e facilitam o trabalho em grupo; percebem que os aspectos sociodiscursivos estruturadores dos gêneros argumentativos.



### 3. Gêneros da esfera argumentativa: leitura e escrita

A argumentação faz parte da vida diária das pessoas, visto que se trata de uma prática da linguagem que está presente implícita ou explicitamente em toda e qualquer produção discursiva.

As maiores dificuldades dos estudantes na escola em relação à aprendizagem das estratégias argumentativas retóricas, muitas vezes, estão relacionadas às diferenças entre o **assunto**, o **ponto de vista** e o **argumento** favorável ou contrário (contra-argumento) a um determinado **ponto de vista**.

Os documentos oficiais direcionados às diretrizes de ensino de língua portuguesa, no Brasil preconizam que o domínio da língua e da linguagem sejam condições de possibilidade de plena participação social. E que o ensino de língua materna deva se voltar para o desenvolvimento da competência linguístico-discursiva do estudante, tomando como base o texto (processo e produto da atividade discursiva e interacional), a partir da leitura, da escrita e da reflexão sobre a língua e/ou sobre os usos linguísticos.

De acordo com Massmann (2011), cabe à escola desenvolver no aluno as principais competências linguístico-discursivas para torná-lo apto à vida em sociedade, para que ele possa produzir diferentes tipos de textos e de discursos (dentre eles, o dissertativo-argumentativo), a fim de construir competências linguístico-discursivas, já que a organização retórica dessa tipologia textual é ensinada de forma generalizada nas escolas brasileiras, por “haver o entrecruzamento de duas retóricas: a cultural e a escolar”<sup>14</sup>, que se relacionam e se complementam. No entanto, o que podemos constatar é que nos espaços escolares, aqui no Brasil, as competências linguísticas desenvolvidas em relação à tipologia textual dissertativo-argumentativa e ao gênero redação escolar, é associado à obrigatoriedade dos concursos vestibulares e ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em que são apresentados e descritos os roteiros e modelos retóricos na produção dos textos. O esquema

---

<sup>14</sup> *Ibid.* p. 365.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

“introdução, desenvolvimento e conclusão” é apresentado hierarquicamente, onde as etapas de argumentação são estruturadas.

Mosca (2004) esclarece que, em mundo em que os conflitos e as controvérsias são inevitáveis, as negociações e a argumentação fazem parte do cotidiano das nações e da vida das pessoas. Na escola, ao se investigar a oralidade e a escrita dos estudantes, deve-se levar em consideração como as ideias e seus pontos de vista são defendidos e apresentados em seus textos.

Além disso, outro ponto importante a observar é o de que, para ser eficaz, a argumentação deve, acima de tudo, apresentar-se de forma organizada, permeada de recursos retóricos para convencer o interlocutor a aderir (ou a ser convencido) ao discurso apresentado. As retóricas cultural e escolar se entrecruzam nas produções dissertativo-argumentativas dos estudantes e acontecem na medida em que alguns elementos linguístico-discursivos, conectivos, modalizadores discursivos<sup>15</sup> etc., são utilizados e apresentados na elaboração dos textos, oral ou escrito, a saber: *inclusive, mas, pouco, um pouco, logo, mesmo que, é certo que, é provável que, pode, deve, felizmente* etc., que podem figurar conforme o roteiro argumentativo específico do texto em questão, atribuindo a autoridade textual construída.

A sala de aula pode se configurar como o principal espaço de recepção e de circulação dos textos argumentativos, se manifestando, muitas vezes, na forma da redação escolar do tipo dissertativo-argumentativa com uma temática orientada pelo professor. A redação dissertativo-argumentativa deve ter sentido, estilo, construção composicional, modelo de organização retórica no qual os elementos linguístico-discursivos e históricos se manifestam; sua função pedagógica está diretamente relacionada ao espaço escolar e nos fornece elementos para refletirmos sobre o papel do ensino e do fenômeno da argumentação, na sala de aula, de língua portuguesa.

---

<sup>15</sup> **Modalizadores discursivos** são elementos linguísticos que imprimem subjetividade no enunciado em que aparecem, direcionando a sua leitura.



**SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO**

A argumentação é inerente à língua humana (DUCROT, 1988) e isso ocorre porque sempre que interagimos, orientamos nossos discursos em razão de determinadas conclusões ou objetivos e essas orientações se materializam nos enunciados que produzimos. Todos os gêneros, em maior ou menor grau, são argumentativos; no entanto, há gêneros em que a argumentatividade é mais explícita em razão de sua função social; assim, faz-se necessário trabalhar a argumentação não como um conteúdo específico, mas como recurso retórico que perpassa a leitura e a escrita dos gêneros textuais/discursivos selecionados pelo professor a serem abordados em sala de aula.

Para Antunes (2003), a atividade de leitura complementa a atividade de escrita, já que esta é uma atividade tão interativa, dialógica, dinâmica e negociável quanto a fala; visto que dentro de uma visão interacionista, assim como a fala, a escrita cumpre essa função comunicativa socialmente específica e relevante, permitindo a interação social e o exercício da cidadania.

Já em relação à escrita, Antunes (2003, p. 47) acredita que, “o professor não pode, sob nenhum pretexto, insistir na prática de uma escrita escolar sem leitor, portanto sem referência, para se decidir sobre o que vai ser escrito”, pois o trabalho com o ensino de produção textual oral e escrito, deve considerar o papel interacional e sócio-discursivo da fala e da escrita, o que também implica o uso de estratégias argumentativas e retóricas. Além disso, um texto bem produzido é aquele que consegue estabelecer um diálogo com seu interlocutor na medida do possível e guardar as características de cada contexto e gênero escolhido, as intenções de quem o produziu. Assim, é impossível dissociar o ensino da escrita do ensino da argumentação. A autora reforça que, no ensino da produção textual, oral ou escrita, o professor deve orientar os estudantes para a utilização dos elementos e estratégias argumentativas, de forma adequada ao gênero e ao contexto de produção do texto.

Ducrot (1988) acredita que o ensino da argumentatividade é algo que deve ocorrer de forma semelhante como ocorre com o ensino da leitura e da escrita, isto é, mobilizando habilidades da língua e linguagem.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Mesmo que o ensino de argumentação não faça parte de todo o conteúdo programático das disciplinas de língua e linguagem, ele, indiscutivelmente está associado à aprendizagem das habilidades de leitura e de produção textual, além da reflexão sobre o funcionamento e o uso das estruturas linguístico-discursivas. Essa distinção é básica para qualquer trabalho com a argumentação e deve ser trabalhada desde as séries iniciais. Embora a argumentação esteja presente em todos os gêneros discursivos, em maior ou menor grau, alguns gêneros parecem ser mais propícios para desenvolver esta habilidade, do ponto de vista pedagógico, entre os quais estão os chamados gêneros opinativos, em que as estratégias argumentativas são mais explícitas, em razão da própria função sociodiscursiva desses gêneros (emitir um posicionamento a respeito de um dado objeto), como é o caso do artigo de opinião, do editorial e do debate, por exemplo.

Portanto, o trabalho com esse gênero, no que se refere à leitura, passa, inicialmente, pela identificação do assunto que é abordado no texto, do ponto de vista defendido a respeito desse assunto, dos argumentos utilizados para a defesa desse ponto de vista e pela identificação da proposta de intervenção social (se houver). Em seguida, devem-se analisar as estratégias linguísticas que materializam o caminho argumentativo no gênero, tais como operadores argumentativos, adjetivos avaliativos, dentre outros.

### Formas de argumentação<sup>16</sup>

**A distinção entre premissas e conclusão** - o primeiro passo é se perguntar: o que se deseja provar? Qual a conclusão? É preciso não esquecer que a conclusão é a afirmação para a qual se deseja fornecer as razões. As afirmações que fornecem as razões chamam-se **premissas**. Sherlock Holmes tem de explicar uma das suas conclusões mais importantes em *A Aventura de Silver Blaze*:

---

<sup>16</sup> WESTON, Anthony. **A Arte de Argumentar**. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Gradiva, 1996.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

*Estava um cão no estábulo e, apesar de alguém lá ter estado e ter levado para lá um cavalo, o cão não ladrou [...] É óbvio que o visitante era alguém que o cão conhecia bem [...]*

Holmes tem duas premissas. Uma é explícita: o cão não ladrou ao visitante. A outra é um fato geral acerca de cães, que assume ser do nosso conhecimento: os cães ladram aos estranhos. Juntas, estas premissas implicam que o visitante não era um estranho. Quando usamos argumentos como um meio de investigação, podemos apenas com a conclusão que desejamos defender. Antes de tudo, devemos enunciá-la claramente.

**Apresente as suas ideias por meio de uma ordem natural** - os argumentos curtos escrevem-se normalmente em um ou dois parágrafos. Coloque a conclusão primeiro, seguida das suas razões, ou apresente as suas premissas primeiro e retire a conclusão no fim. Em qualquer dos casos, apresente as suas ideias pela ordem que mais naturalmente revele o seu raciocínio ao leitor.

**Parta de premissas fidedignas** - por melhor que argumente a partir das premissas para a conclusão, a sua conclusão será fraca se as suas premissas forem fracas.

**Use uma linguagem precisa, específica e concreta** - escreva concretamente: evite termos abstratos, vagos, gerais.

**Evite a linguagem tendenciosa** - não faça com que o seu argumento pareça bom à custa de caricaturar o ponto de vista oposto.

**Use termos consistentes** - para Weston (1996, p. 11) é importante limitar-se a um único conjunto de termos para cada ideia. Se se deseja argumentar que os pontos de vista do deputado X são de direita, então deve-se usar a expressão “de direita” (entre aspas) nas suas premissas, e não expressões como “de tendência conservadora” ou “do tempo da outra senhora”. Os termos consistentes são importantes quando o seu argumento depende das conexões entre as premissas.

- **Limite-se a um sentido para cada termo:**
- **Argumentos com base em exemplos**
- **Use mais do que um exemplo**

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

- **A informação de fundo é essencial**
- **Os contraexemplos**
- **Argumentos por Analogias:**
- **A analogia requer um exemplo semelhante num aspecto relevante**
- **Argumentos de Autoridade**
- **As fontes devem ser citadas**

### **Argumento acerca das causas**

O argumento explica como a causa conduz ao efeito? A conclusão sugere a causa mais provável? Os fatos associados não estão necessariamente relacionados; fatos correlacionados podem ter uma causa comum; qualquer um de dois fatos correlacionados pode causar o outro e as causas podem ser complexas.

### **Argumentos Dedutivos**

- **Modus ponens**<sup>17</sup>- os argumentos dedutivos bem formados chamam-se **argumentos válidos**. Usando as letras ***p*** e ***q*** em representação de duas frases, a forma dedutiva mais simples é:

Se ***p***, então ***q***.

***p***.

Logo, ***q***.

Esta forma chama-se ***modus ponens*** (o modo de pôr: ponha ***p***, fique com ***q***). Se ***p*** representar “não há fatores de sorte no xadrez” e ***q*** “o xadrez depende unicamente do talento dos jogadores”, o nosso exemplo introdutório é um caso de ***modus ponens***. Para Weston (1996), uma vez que os otimistas têm mais hipóteses de terem sucesso do que os pessimistas, devias ser otimista. Este argumento pode escrever-se assim:

---

<sup>17</sup> ***Modus ponens*** em latim significa “a maneira que afirma afirmando”, ou a eliminação da implicação é uma válida e simples forma de argumento e regra de inferência que pode ser resumido como “***P*** implica ***Q***, ***P*** é afirmado verdade, portanto, ***Q*** deve ser verdade.”

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Se os otimistas têm mais probabilidade de terem sucesso do que os pessimistas, devias ser otimista.

Os otimistas têm mais probabilidade de terem sucesso do que os pessimistas.

Logo, devias ser otimista. No entanto, o argumento é perfeitamente claro sem o pormos desta forma. Outras vezes, no entanto; é útil escrevermos o *modus ponens*:

Se existem milhões de planetas habitáveis na nossa galáxia, então, parece provável que a vida se tenha desenvolvido em mais do que um planeta. Existem milhões de planetas habitáveis na nossa galáxia. Logo, parece provável que a vida tenha evoluído em mais do que um planeta. Para desenvolvermos este argumento temos de defender e explicar ambas as premissas e estas requerem argumentos bastante diferentes (porquê?). É útil formulá-los clara e separadamente desde o início.

- **Modus tollens**
- **Silogismo hipotético**
- **Dilema**
- ***Reductio ad absurdum***
- **Argumentos dedutivos em vários passos**

**Na exploração do tema do ensaio argumentativo:**

- **Explore os argumentos de todas as posições**
- **Avalie e defenda cada premissa do argumento**
- **Reveja e repense os argumentos à medida que surgem**

**Os principais pontos do ensaio argumentativo:**

- **Explique a questão**
- **Faça uma afirmação ou uma proposta precisa**
- **Desenvolva completamente os seus argumentos**
- **Considere objeções possíveis**

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

- Considere alternativas

## Orientações para a realização de atividades

A argumentação é essencial em todas as esferas da atividade humana. Cotidianamente, as situações comunicativas exigem que, muitas vezes, por meio das palavras, tenhamos que afirmar, explicar, criticar, contestar, sustentar uma opinião polêmica ou não. Dessa forma, é importante refletir os processos comunicativos e os vários tipos de argumentação na forma oral e escrita. Assim, sugerimos que o professor(a) aplique o seguinte exercício sobre os diferentes tipos de argumentos utilizados na comunicação usados como forma de convencimento:

ATIVIDADES*
<b>Exercício 1 - Diferentes Tipos de Argumentação</b>
<p>1 ARGUMENTOS COM EXEMPLOS</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Dê mais de um exemplo</li> <li>- Use exemplos representativos</li> <li>- Informação suplementar é fundamental...</li> <li>- Procure contraexemplos</li> </ul>
<p>2. ARGUMENTOS POR ANALOGIA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A analogia requer um exemplo cuja semelhança seja pertinente</li> </ul>
<p>3. ARGUMENTOS DE AUTORIDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cite as fontes</li> <li>- Busque fontes abalizadas</li> <li>- Busque fontes imparciais</li> <li>- Compare as fontes</li> <li>- Ataques pessoais não desqualificam uma fonte</li> </ul>
<p>4. ARGUMENTOS SOBRE CAUSAS</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Explique de que modo a causa leva ao efeito</li> <li>- Proponha a causa mais provável</li> </ul>

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

- Nem sempre eventos correlacionados têm relação entre si
- Eventos correlacionados podem ter uma causa comum
- Qualquer um de dois eventos correlacionados pode causar o outro
- As causas podem ser complexas

\*Adaptada de WESTON, Anthony. **A construção do argumento**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2947514>

## Orientações para a avaliação

Após a execução das atividades, é importante observar se os estudantes se sentem motivados a participar das atividades; conseguem identificar, analisar e explicar questões sociodiscursivas e socioculturais presentes nos textos; ampliaram sua capacidade argumentativa, embasando, criticamente, pensamentos e ideais na construção de textos; demonstram habilidades que valorizam e facilitam o trabalho em grupo; percebem que os aspectos sociodiscursivos estruturadores dos gêneros argumentativos apresentam-se como importantes recursos na concretização de projetos pessoais ou produtivos, considerando inclusive as ferramentas tecnológicas como suporte na construção dos textos.



## 4. A arte do Argumentar na sala de aula

No Brasil, não há área de conhecimento nos currículos que vise ao ensino da retórica especificamente, mas ela se faz presente, muitas vezes, estando diluída em disciplinas escolares e em estratégias pedagógicas nos planos de aulas dos docentes, como na elaboração das redações, na exposição oral de trabalhos, na mediação de debates regrados e no júri simulado. Para Reboul (2004, p. XXII), a retórica está sempre entre nós, só que privada de sua unidade interna, e que os professores, mesmo sem querer e sem saberem desenvolvem a retórica.

De acordo com Breton (1999), o objetivo da argumentação é transformar uma opinião em argumento em função de um auditório particular. Argumentar é, então, escolher, numa opinião, os aspectos mais importantes e aceitáveis a um determinado público em particular. No ensino Médio, devemos incentivar o estudante a pensar em várias possibilidades de análise de uma questão, por exemplo.

Tomamos como exemplo a referência do próprio autor: para ensinar **a arte do argumentar** não é necessário, em uma explanação, argumentar que foi Vasco da Gama, quem descobriu o caminho marítimo para a Índia, ou que Eça de Queirós escreveu *Os Maias*, já que estes fatos o estudante se limita a dominar e a relatar. No entanto, se espera que os objetivos sejam trabalhados de forma um pouco mais diferenciados, chegando nas bases das suas crenças e questionando a veracidade delas, levando os estudantes a serem impelidos a elaborarem e a defenderem respectivos pontos de vista.

Ainda segundo Breton (1999), os assuntos discutidos, em sala de aula, são frequentemente os mais ambíguos e menos precisos. Sendo verdade que foi Vasco da Gama quem descobriu o caminho marítimo para a Índia, faz-se necessário questionar: quais foram as verdadeiras causas da política expansionista? Qual o verdadeiro significado do romance *Os Maias* escrito por Eça de Queirós? Há razões e dados favoráveis para diferentes respostas. É nesse momento que o professor pode pedir ao aluno que forme as suas próprias opiniões de forma crítica, consciente e responsável.



**SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO**

Negociar não é uma tarefa fácil, mas é um elemento essencial no espaço escolar, já que se constitui um desafio à ação docente e uma importante ferramenta que está ao nosso dispor. É na escola, espaço de construção de saberes, e na dinâmica da sala de aula, que professores e alunos devem estabelecer o diálogo, apresentar argumentos, refutar, acolher, debater e exercer a todo momento a tolerância e o respeito de forma crítica e reflexiva. Defender uma proposta de educação pautada na arte de argumentar, isto é, na racionalidade argumentativa, estimulando os estudantes a utilizarem as técnicas da retóricas, em que se valorizem as opiniões de seus colegas, professores e a todos os que fazem a escola; é algo que está inserido no respeito à diversidade, no incentivo ao diálogo, ao debate, ao confronto de ideias, à autonomia, à criticidade, de forma respeitosa e mais acolhedora.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) defendem que a argumentação não deve ser coerciva e que, para que ela se inicie, deve existir um acordo inicial entre as partes, isto é, as condições prévias capazes de permitir que o processo argumentativo se desenvolva. Como princípio geral para que haja esse acordo prévio, os autores destacam a disposição para ouvir o outro; estudantes e professores devem ser ouvidos de forma horizontalizada. Discussões que não se encerram podem gerar descrédito, desconfiança e mal-estar. Acreditamos que na educação não devem existir acordos eternos e atemporais, mas, sim, que o meio termo e a razoabilidade possam balizar as discussões. Nessa perspectiva, em sala de aula, o professor pode atuar como mediador de conflitos e a escola pode ser um espaço de interlocução.

## Orientações para a realização de atividades

Compor um argumento é conseguir relacionar fatos, opiniões a fim de embasar ideias visando a convencer, persuadir a um determinado público alvo (ou leitor).

Nesse sentido, sugerimos a produção de um pequeno texto argumentativo, que deve ser conciso e preciso para que o leitor possa ser levado ao ponto-chave.

Indicamos o passo a passo da **parte 1** de uma atividade, cuja culminância é a elaboração de um *ensaio argumentativo*.

### Parte 1

COMO COMPOR UM ARGUMENTO	
Distinção entre premissa e conclusão	
<i>O que você quer provar/ defender? Que tema? Que premissas? Que conclusão?</i>	
Apresente suas ideias numa ordem (escrita) natural	
<i>Em argumentos curtos, pode-se optar por duas estratégias:</i> a) <i>Começar pela conclusão, seguida das razões explicativas;</i> b) <i>Apresente primeiro as premissas e chegue à conclusão no final. Seja qual for o caso, organize suas ideias numa sequência que revele sua linha de raciocínio <b>de modo natural</b>.</i>	
Parta de premissas confiáveis	
<i>Por melhor que seja a sua argumentação desde a premissa até a conclusão, esta será frágil se as premissas também forem frágeis.</i>	
Seja concreto e conciso	
<i>Fique vigilante com os termos abstratos, vagos e genéricos.</i>	
<b>Fonte:</b> Weston, A. <b>A construção do argumento</b> . SP: Martins Fontes, 2009.	
Disponível	em:
<a href="https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2947514">https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2947514</a>	

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

**Parte 2:** composição de um ensaio argumentativo:

<b>ROTEIRO PARA A ELABORAÇÃO DE UM ENSAIO ARGUMENTATIVO</b>
Definir os pontos principais do ensaio;
Explique a questão;
Faça uma afirmação ou proposta clara;
Desenvolva completamente seus argumentos (um de cada vez);
Explique, explique, explique;
Conteste e defenda as premissas de cada argumento: considere as objeções;
Repasse e repense os argumentos à medida que surgem;
Não afirme mais do que demonstrou.

## Orientações para a avaliação

Após a execução da atividade, é importante observar se os estudantes se sentiram motivados a participar dela; se conseguiram ampliar sua capacidade argumentativa, embasando, criticamente, pensamentos e ideais na construção de textos; se demonstraram habilidades que valorizam e facilitam o trabalho em grupo; se perceberam que os aspectos sociodiscursivos estruturadores dos gêneros argumentativos apresentam-se como importantes recursos na concretização de projetos pessoais ou produtivos, considerando inclusive as ferramentas tecnológicas como suporte na construção dos textos.

## 5. Referências bibliográficas

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Prefácio de Michel Meyer. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução do grego Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015. (Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento; v. 1)

AUSTIN, J. L. **How to Do Things with Words**. Oxford: University Press, 1962.

BARTHES, Roland. **La antigua retorica**. Barcelona: Ediciones Buenos Aires, 1982.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. 2 ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BRETON, Philippe. **A argumentação na comunicação**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

CARVALHO, Nelly. **Publicidade: a linguagem da sedução**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. À propos du genre publicitaire. In: CHARAUDEAU, Patrick. **Language et discours**. Paris: Hachette Université, 1983.

\_\_\_\_\_. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual, in Ida Lucia Machado e Renato de Mello. **Gêneros reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte, Nad/Fale-UFMG, 2004. Consulté le 14 avril 2023. sur le site de Patrick Charaudeau. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com>

MASSMANN, Débora. **A arte de argumentar na sala de aula**. 2011. *Letras*, (42), 363–385. Acesso em: 13/04/2023 <<<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12187>>>

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. (Prefácio). In: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII-LI.

MEYER, Michel. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
GERÊNCIA GERAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

MOSCA, L. S. (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3. ed. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH-USP, 2004.

NASCIMENTO, J. S. N. **O entimema e o exemplo na retórica de Aristóteles**. PROMETEUS - Ano 5 - Número 9 – Janeiro-Junho/2012 - ISSN: 1807-3042 - E-ISSN: 2176-5960.

PERELMAN, Chaïm.; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a Nova Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WESTON, Anthony. **A Arte de Argumentar**. Tradução e Apêndice de Desidério Murcho Investigador da Sociedade Portuguesa de Filosofia. Revisão Científica de João Branquinho Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Gradiva, 1996.